

Octávio Brandão: a trajetória de um militante entre os livros e as lutas

Vinícius de Oliveira Juberte

Mestre e doutorando em História Econômica pela USP

Resenha

LACERDA, Felipe Castilho de. *Octávio Brandão e as matrizes intelectuais do marxismo no Brasil: 1919-1929*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2019.

Palavras-chave Octávio Brandão, História cultural, Internacional Comunista, Livros, História do marxismo no Brasil, Partido Comunista.

Keywords Cultural History, Communist International, Books, History of Marxism in Brazil, Communist Party.

Nos anos 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, José Calvino filho, editor comunista, ligado ao PCB (Partido Comunista do Brasil), definiu o livro e seu papel na luta política da seguinte forma:

O livro, recinto sagrado do pensamento, é a arma mais eficiente que o gênio humano criou para destruir a mentira (...) transformemos pois os livros em fonte de canhões e balas para que a democracia esmague o nazifascismo de forma a não deixar dele nem o menor traço na face da terra!¹

Essa concepção da importância do livro enquanto arma da luta política foi cara ao movimento comunista durante todo o século XX, de forma clara e sistemática a partir da Revolução de Outubro de 1917.

É justamente disso que trata o livro *Octávio Brandão e as matrizes intelectuais do marxismo no Brasil*, de Felipe Castilho de Lacerda, fruto da dissertação de mestrado do autor, importante contribuição para a área dos estudos das edições comunistas no Brasil. Esses estudos vêm contribuindo para o preenchimento das lacunas sobre a formação cultural e intelectual dos quadros e da militância comunista brasileira, ampliando o entendimento sobre as infraestruturas que permearam a existência e as ações do PCB (Partido Comunista do Brasil) no século passado. Dessa forma, sob a ótica da História do Livro e da Edição, os homens e mulheres que construíram cotidianamente o PCB ganham voz, para além das interpretações dos grandes debates e interpretações que perpassaram a história do comunismo no Brasil, já bastante privilegiadas pela historiografia.

A obra se divide em oito partes: o prefácio, de autoria da professora Marisa Midori Deaecto, principal referência na área da História do Livro e da Edição no Brasil, introdução, o capítulo 1 intitulado *O Livro e a Política: Edições Comunistas no Brasil*, o capítulo 2, *Lede e Fazei Ler: A Formação Militante*, capítulo 3, *Visões do Brasil: Itinerário Intelectual de Octávio Brandão*, capítulo 4, *Matrizes Intelectuais: o Processo de Difusão do Marxismo*, fontes e bibliografia, e por fim, um apêndice contendo uma interessante compilação de inúmeros documentos utilizados pelo autor, como por exemplo, um catálogo com os livros à venda pelo Secretariado Sul Americano da Internacional Comunista no período estudado.

Vale ressaltar que o livro em questão parte de um pressuposto teórico-metodológico para a compreensão da primeira difusão do marxismo no Brasil e do itinerário intelectual de Octávio Brandão, que procura entender as condições materiais nas quais se deram esses processos, diferenciando-se de outras interpretações que buscaram apontar “erros” e “acertos”

1 JUBERTE, Vinícius de Oliveira. *O PCB e os Livros: A Editorial Calvino no período da legalidade do partido nos anos 1940 (1943-1948)*. 2016. 172 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. p.23.

na leitura que Brandão fez de Marx, que consideravam haver uma leitura “ideal” desse autor. Pelo contrário, Lacerda, bebendo da fonte do historiador argentino Horácio Tarcus e seu *Marx en la Argentina*, toma como base da sua análise as condições sociais, culturais e editoriais presentes no Brasil dos anos 1920, nas quais Octávio Brandão desenvolveu o seu pensamento e vieram a luz as primeiras tentativas sistemáticas de difundir as edições de caráter marxista no Brasil.

No capítulo 1, o autor busca analisar a primeira recepção da literatura comunista no Brasil, a partir da criação de uma estrutura editorial e de uma rede de difusão desses impressos para a divulgação ideológica. O primeiro livro de autoria de Octávio Brandão a ser analisado é *Rússia Proletária*, de 1923, no qual o autor faz uma ode a Rússia Bolchevique. Segundo Lacerda, esse é o primeiro livro no qual Brandão defende a Revolução Russa e busca divulgar a interpretação social de caráter marxista. O dirigente comunista também buscava, por meio de sua obra, realizar tarefa designada pela direção do PCB ao divulgar uma lista de livros para a formação dos quadros comunistas, com títulos como *ABC do Comunismo*, Bukhárin (em espanhol), o *Manifesto Comunista* (em francês), de Marx e Engels, passando por obras de Lenin, Trotsky, Zinoviev, Arthur Ransome, George Lansbury, Jacques Sadoul, entre outros. A lista abarcava desde as obras introdutórias, até aquelas de caráter mais complexo e teórico.

Brandão, enquanto dirigente responsável pela Comissão de Educação e Cultura do PCB, tinha dessa forma papel central na efetivação da política de Agitação e Propaganda da Internacional Comunista em solo brasileiro. Sua produção intelectual esteve intimamente ligada à formação política da militância comunista, como afirma o autor. É digno de destaque também o papel de Octávio Brandão como tradutor de obras fundamentais para o pensamento revolucionário, como por exemplo, o próprio *Manifesto Comunista* editado em 1924 em Porto Alegre por Samuel Speiski.

Lacerda cita ainda Christiano Cordeiro como outra fonte importante para se chegar às primeiras leituras comunistas no Brasil. Em seu livro *Doutrina Contra Doutrina* são citados autores como Kropotkin, Hamon, Élisée Reclus, Ricardo Mella, de matriz anarquista, além da literatura bolchevique recém-chegada no Brasil: Enrico Ferri, Lenin, Trotsky, Bukhárin e Zinoviev. Dessa forma, o autor demonstra como a análise dos livros escritos pelos primeiros comunistas brasileiros é um caminho profícuo para se chegar à literatura conhecida e que influenciou a leitura de mundo dessa primeira geração de dirigentes e quadros do PCB.

Em seguida, Lacerda analisa a primeira estrutura editorial do PC brasileiro. A primeira demanda de literatura comunista dos dirigentes nacionais se deu por intermédio do PC uruguaio e argentino, por volta de 1920 e 1921, seguido por uma doação de livros pelo Bureau da Internacional Comunista em 1922, logo após a fundação do PCB. No Rio de

Janeiro, o militante Ferreira de Souza era o responsável por receber as edições da Biblioteca Documentos del Progreso, editada na Argentina, e distribuí-las entre a os membros do partido.

Segundo o autor, outras fontes também foram importantes para abastecer o país com a literatura comunista, como por exemplo: Rússia (Moscou e Petrogrado), Suíça (Genebra), Espanha e Alemanha. Mas nenhuma superou, nesse primeiro momento, a França. As editoras do PCF (Partido Comunista Francês) serão as principais fontes, sendo elas: Librairie de l'Humanité, Bureau d'Éditions, de Diffusion et de Publicité e Éditions Sociales Internationales.

Na questão da estrutura editorial, se destaca a figura do secretário-geral do Partido, Astrojildo Pereira, organizador de uma grande rede de colaboradores, entre militantes, simpatizantes e sindicatos, para a difusão da literatura comunista. Pereira combina a sua experiência dos tempos de militante anarquista, com a forma centralizadora de distribuição do material da Internacional Comunista. A ação pessoal do dirigente comunista se mostra fundamental nesse primeiro momento de difusão da literatura comunista no Brasil, dada a precária estrutura partidária dos primeiros anos.

Lacerda aponta ainda que, apesar de raros, os livros comunistas podiam ser encontrados também em algumas livrarias. Isso se daria, segundo o autor, pelo fato de os livros de esquerda importados serem considerados um ramo específico da literatura técnica estrangeira, o que permitiu a sua venda em livrarias comerciais. São destacadas, por exemplo, a Livraria Espanhola, no Rio de Janeiro, na qual se podia encontrar obras de Lenin, Trotsky, Zinoviev, Bukhárin, etc. Na Livraria Científica Brasileira, era possível encontrar o livro *Agrarismo e Industrialismo*, de Octávio Brandão (sob o pseudônimo de Fritz Mayer). Na Livraria Odeon era vendido o jornal do PCF, *L'Humanité*. Na Livraria Americana, de Porto Alegre, se encontrava livros de Bukhárin e Lenin. Segundo o autor, a aproximação com o ambiente da classe média oposicionista à República Velha, a partir de 1927, pode ter sido fator importante para a ampliação da distribuição da literatura comunista no Brasil.

Apesar da precariedade, fruto da perseguição política e da pobreza do partido, o PCB publica também os seus próprios livros no decorrer da década de 1920. As edições nesse período foram relativamente escassas, segundo o autor, por dois fatores: a falta de uma editora própria do partido e o refluxo do movimento operário no Brasil na década de 1920. Outros fatores que podem ter contribuído para esse quadro foram os esforços dedicados pelo partido à viabilização do periódico *A Nação*, e também a sua participação eleitoral de 1927 e 1928 junto ao BOC (Bloco Operário e Camponês), deixando a atividade editorial em segundo plano.

São editados livros de autores obrigatórios dentro do movimento comunista naquele momento, como Lenin, Bukhárin, Marx, Engels e Charles Rappoport, mas também autores do próprio partido como Octávio Brandão, Christiano Cordeiro, Souza Barros e Joaquim Barbosa. São publicados também por outras editoras autores que se aproximam dos comunistas nesse período como Oscar Siegel, Pedro Motta Lima, José Alves (também editor, inclusive de livros anarquistas) e Everardo Dias, maçom, um dos mais importantes dirigentes do PCB naquele momento, escritor e editor de livros comunistas, anticlericais e sobre a questão da emancipação brasileira.

Segundo Lacerda, foi de fundamental importância também para o trabalho de *agitprop* desses primeiros tempos do PCB a imprensa partidária, mais especificamente o periódico *Movimento Comunista*. A função da revista seria de formação e renovação ideológica, enquanto mensário de caráter doutrinário e documental. Passou a ser editada como órgão do partido em 1922. Teve um total de 24 números com tiragem de 1800 exemplares, sendo Octávio Brandão e Astrojildo Pereira os tradutores dos artigos teóricos. A revista se inspirava em *L'Internationale Communiste*, órgão oficial da Internacional Comunista, mostrando a força do exemplo soviético nos produtos culturais e de formação ideológica dos comunistas brasileiros.

O PCB também se utiliza dos jornais para a divulgação ideológica. Em um primeiro momento, o canal de comunicação com os operários é a seção voltada para os trabalhadores do jornal *O País*, que abria espaço para as mais diversas correntes políticas de esquerda. Em 1925, o partido funda o seu próprio jornal, *A Classe Operária*, sob a direção de Octávio Brandão e a redação de Astrojildo Pereira. Auxiliava na produção do periódico, entre outros, Laura Brandão, escritora e esposa de Octávio. Em julho do mesmo ano o jornal deixa de circular, por decisão do governo.

Os comunistas só voltaram a ter um periódico em 1928, dessa vez diário, quando passam a publicar, junto ao jornalista Leônidas de Rezende, recém-convertido ao comunismo, o jornal *A Nação*. Os três redatores ligados ao partido eram Octávio Brandão, Astrojildo Pereira e Paulo de Lacerda, que dividiam a tarefa com outros profissionais ligados a Rezende, que ocupa o cargo de diretor. Ainda que não aparecesse publicamente como órgão do PCB, o jornal era controlado politicamente pelo partido. O periódico encerra atividades ainda no mesmo ano, por questões financeiras e políticas, mas não sem antes ser determinante para a primeira vitória eleitoral comunista no Brasil, com a eleição pelo BOC (Bloco Operário Camponês), de Azevedo Lima.

Por fim, o PCB ainda controlou alguns jornais sindicais, e voltou a editar o semanário *A Classe Operária* de forma intermitente até 1945. Segundo Lacerda, fica clara a

tendência geral tanto dos periódicos quanto das edições nos anos 1920, que era a de agitação para as massas, fator determinante tanto na forma quanto no conteúdo das publicações comunistas nesse período.

No capítulo 2, o autor concentra sua análise nas formas e usos do livro comunista no Brasil, na constituição do público leitor e no discurso sobre a divulgação ideológica que se cristalizou no Brasil sob a *agitprop*. Aqui a interpretação foca na recepção da literatura comunista no Brasil, considerando as especificidades dos sujeitos dessa recepção e seus contextos, englobados na estratégia de divulgação ideológica da Internacional Comunista, que considerava o livro uma arma política e um instrumento de educação popular.

Lacerda afirma que o PCB, seguindo a tradição kominterniana, optou primordialmente pela edição das brochuras, livros que prezam pelo apelo didático na forma e no conteúdo. Alguns títulos ajudaram a formar uma geração de comunistas ao redor do mundo, como *Noções do Comunismo*, de Charles Rappoport e *ABC do Comunismo*, de Bukhárin, pensados como “manuais”. No caso brasileiro, se destacam as brochuras escritas por Octávio Brandão, a frente da Comissão de Educação e Cultura do partido: *O Abecedário dos Trabalhadores*, *Abre Teus Olhos*, *Trabalhador! e O País e o Governo dos Trabalhadores*. Os dois primeiros reforçavam que havia um grande embate entre ricos e pobres na sociedade, e que esses deveriam se unir sob a liderança do Partido Comunista contra aqueles. Já o terceiro, era uma ode à Rússia Soviética.

O autor ainda afirma que existia uma tradição nos meios operários, nascida nos meios anarquistas, de estruturar as edições em coleções e bibliotecas. Dessa forma, a organização política buscava orientar as leituras de seus membros, prática que se tornará ainda mais forte na centralizadora e pedagógica cultura comunista. Pesava o fato também desse ser o modelo pelo qual os comunistas brasileiros tiveram acesso à literatura bolchevique, por meio da russa Éditions de L’Internationale Communiste, da francesa Les Cahiers Communistes e das argentinas Biblioteca Documentos del Progreso e Editorial La Internacional.

Sobre a questão de para quem eram voltadas as edições comunistas nesse período, Lacerda afirma que os livros tinham dois alvos específicos dentro do partido e do movimento comunista: o estudante e intelectual de classe média, frequentador dos espaços de sociabilidade intelectual, como livrarias, cafés e faculdades de Direito e o operário intelectualizado. Esse segundo é o setor que recebeu o primeiro afluxo de livros estrangeiros e os traduziu para a realidade brasileira, além de compor a direção partidária comunista. Para o autor, o foco maior das edições será sempre nesse segundo grupo, inclusive os operários pouco alfabetizados ou analfabetos, que acompanhavam os cursos e palestras de formação, além das leituras coletivas dos livros publicados.

Já o discurso comunista sobre a leitura possuía um caráter doutrinador e pedagógico, o ato de ler era considerado uma obrigação militante. Nessa cultura política, a leitura não era uma ação neutra, ela poderia tanto servir à causa do proletariado, quanto ameaçá-la. Essa noção se fazia presente nas ações dos responsáveis pela divulgação ideológica do partido, nesse caso, Astrojildo Pereira e Octávio Brandão. Os paratextos dos livros e mesmo o jornal *A Classe Operária* apresentavam métodos de leitura para os militantes, que sempre culminavam, obviamente, no fortalecimento da causa e do próprio partido. Para o militante comunista a leitura deveria ser o caminho para ação política prática.

Além disso, o PCB incentivava os passos seguintes às leituras, que seriam as discussões em sindicatos e locais de trabalho, inclusive a leitura coletiva dos periódicos. Octávio Brandão também organizou cursos para a militância baseados nessa literatura. Para alunos mais elementares o livro indicado era o *ABC do Comunismo*, de Bukhárin. Para os alunos médios, *Agrarismo e Industrialismo e História do PC Russo*.

Por fim, Lacerda encerra esse capítulo discorrendo sobre a *agitprop*. Segundo ele, a cultura política comunista inaugurou um novo papel e uma nova centralidade para a propaganda ideológica, sendo que todas as instâncias do PCB apresentariam como uma de suas atividades fundamentais a divulgação dos ideais comunistas. Era tarefa do partido promover a formação dos quadros (propaganda) e a educação política das massas (agitação). Nesse sentido, a estrutura editorial, centralizada, tinha um papel fundamental.

No capítulo 3, é apresentado de forma detalhada o itinerário intelectual de Octávio Brandão. O autor apresenta a formação profissional e características do pensamento do escritor-militante presentes no seu primeiro livro, *Canais e Lagoas*, sua crítica libertária do período de militância anarquista e, finalmente, os conceitos formulados no período de transição para o marxismo, às características dessa transição e às rupturas e continuidades no pensamento do dirigente comunista.

O primeiro livro de Brandão, *Canais e Lagoas* apresenta, segundo Lacerda, clara influência do estilo do escritor Euclides da Cunha, ao trazer uma descrição histórica de Alagoas e abordar aspectos geológicos, mineralógicos, botânicos, climatológicos, tropológicos e sociais do estado. A influência euclidiana se mostra inclusive na forma de organização da obra: caótica, zigzagueante e descontraída. Auxilia nesse sentido também o fato de as duas partes do livro terem sido finalizadas em momentos diferentes, o que representou uma dificuldade para que o autor criasse a devida unidade narrativa.

Nesse período, o pensamento do futuro dirigente comunista apresentava forte influência do naturalismo social de inspiração positivista. Lacerda define a primeira obra de Brandão como tendo uma tendência a assimilar o Homem e a Natureza dentro de um só

recorte teórico-metodológico, apresentando crítica social e apelo à busca pelo melhoramento da nação, passando pelo seu conhecimento através da arte e das ciências. Segundo o autor, o estilo que comporta referências às ciências naturais permanecerá na escrita de Octávio Brandão, inclusive após o mesmo aderir ao comunismo.

No período de militância anarquista, de 1917 até 1922, Brandão publicou seis livros: *Apontamentos de um Burguês*, sob o pseudônimo de Salomão, *Despertar! Verbo de Combate e de Energia* e *Os Desmoronamentos Divinos*, sob o pseudônimo Brand, *Vêda do Mundo Novo*, *Apelo à Nacionalidade Brasileira*, *Mundos Fragmentários* e *Educação*. Todos publicados com esforço financeiro do próprio Octávio, apoiado por arrecadações junto a sindicatos operários. Segundo o autor, essas obras traziam os traços de ao menos três correntes do anarquismo: anarcossindicalismo, comunismo libertário e anarcoindividualismo.

São marcantes nas obras de Brandão, nesse período, o anticlericalismo de inspiração romântica, a crítica moral de uma sociedade opressora e a defesa do individualismo. Lacerda destaca também a influência de Friederich Nietzsche nesse momento, inspiração que não abandonará sequer durante sua transição para o marxismo. Enfim, o pensamento anarquista de Octávio Brandão apresenta uma tensão constante entre uma ideia de progresso e a negação à modernidade capitalista, característica central em seus livros libertários.

A transição de Brandão para o comunismo, segundo o autor, começa no primeiro semestre de 1922. Após intensos debates as posições de anarquistas e comunistas vão se definindo, sendo ponto crucial desse processo a fundação do PCB em março de 1922. Octávio aderiu finalmente ao partido em 15 de outubro, com a cerimônia oficial em 7 de novembro. Quanto a transformação de suas ideias, de um filósofo moral, romântico libertário, em um estrategista político-militar da revolução brasileira, uma série de fatores servem de explicação: o ambiente socioeconômico e político do país, o desenvolvimento do próprio movimento operário brasileiro e do movimento comunista mundial, a distribuição editorial do movimento operário, entre outros.

Quanto às obras de Brandão de seu período comunista, segundo Lacerda, essas se originam da rede internacional de circulação de impressos do movimento comunista e das recomendações diretas encaminhadas pela direção do Komintern. Nesse sentido, o livro *Agrarismo e Industrialismo* do dirigente comunista (lançado sob o pseudônimo Fritz Mayer) é considerado a primeira tentativa de interpretação da realidade brasileira à luz do marxismo. Para Brandão, no Brasil se desenrolava uma luta aberta entre duas frações das classes dominantes, os donos de terra (agrários) associados ao imperialismo inglês e os grandes burgueses da indústria (industriais) associados ao imperialismo estadunidense. Ele busca demonstrar como a revolta de 5 de julho de 1924 era um episódio singular da luta imperialista e das disputas entre as frações da classe dominante no Brasil.

Segundo o autor, o conceito de imperialismo desenvolvido pelos comunistas brasileiros nesse período deriva de três fontes: da intelectualidade progressista de apelo nacional (como já aparecia em *Canais e Lagoas* de Brandão), da recepção da literatura bolchevique, com destaque para *O Imperialismo, Estágio Superior do Capitalismo*, de Lenin, e das diretrizes da direção do Komintern para a revolução brasileira. A linha da Internacional Comunista terá influência marcante em outra obra do dirigente: *Rússia Proletária*, que trazia uma caracterização da sociedade brasileira segundo a ótica do movimento operário e da luta de classes, marcando importante ruptura na elaboração teórica de Octávio Brandão.

As obras produzidas pelo dirigente comunista serão fundamentais para a elaboração do primeiro programa do PCB, além das palavras de ordem definidas durante o III Congresso do PCB, que preconizavam a “revolução democrática pequeno-burguesa” no Brasil. Segundo Lacerda, o que guia o pensamento de Brandão ao longo dos anos 1920 é a convicção de se encontrar no período da revolução mundial triunfante, e o seu papel como ideólogo comunista era o de preparar a base partidária e a massa proletária para o processo revolucionário. Assim se explicaria o processo que transforma o pensamento romântico-libertário do ideólogo anarquista na teoria insurrecional, a teoria da revolução brasileira, na fase seguinte.

Por fim, no capítulo 4, Lacerda define o papel das matrizes intelectuais da primeira difusão do marxismo no Brasil, e sua influência nas obras e na ação política de Octávio Brandão. Partindo de uma citação da obra *Marx en la Argentina*, de Horácio Tarcus, o autor afirma que o equívoco de outras interpretações sobre a obra de Brandão, que a caracterizam como mecanicista (em especial *A Derrota da Dialética*, de Leandro Konder), reside no fato dessas análises desconsiderarem as condições culturais e intelectuais sob as quais foram realizadas as primeiras leituras marxistas pelo núcleo dirigente comunista dos anos 1920, e a especificidade do processo de difusão intelectual do marxismo.

Segundo o autor, por partir de uma concepção *ideal* de dialética, Konder acaba desenvolvendo uma análise apenas parcial da obra de Brandão, desconsiderando que todo processo de recepção implica um certo grau de adequação, pois as ideias circulam de um espaço social a outro sem seus contextos e os receptores as interpretam de acordo com as necessidades ditadas por seu próprio campo de produção. Ou seja, em vez de se perguntar se os comunistas brasileiros leram de forma correta o marxismo, cabe questionar *por que* leram, e *por que leram como leram*.

Enfim, Lacerda encerra afirmando que o comunismo inaugurou uma nova cultura política, em que toda ação do militante está voltada para a construção do partido e a divulgação de suas ideias, em que as leituras são limitadas ao necessário para a compreensão da

doutrina, a qual se cristaliza sob o nome de “marxismo-leninismo” e que a interpretação da realidade nacional se conformava às diretrizes da Internacional Comunista. Sendo tarefa da direção partidária, de Octávio Brandão e outros, levar a cabo essas diretrizes na construção da revolução brasileira.

O livro de Felipe Castilho de Lacerda é uma valiosa contribuição para a história do PCB e da difusão do marxismo no Brasil, seja pela riqueza do levantamento bibliográfico desses primeiros tempos do comunismo no país, seja pela instigante reconstrução do itinerário intelectual de um importante líder brasileiro como foi Octávio Brandão, mostrando as nuances, rupturas e continuidades de seu pensamento, condicionadas pela intrincada realidade política brasileira. Sem dúvidas, mais uma importante colaboração na interpretação dos sinuosos caminhos da revolução brasileira.

Recebido: 10/09/2019

Aceito: 02/10/2019.